

PRESIDÊNCIA

FH vive o momento mais difícil do mandato

DORES DE CABEÇA

O que abala o sossego de Fernando Henrique

PMDB

O partido vacilou no apoio à reforma administrativa, fez campanha na televisão contra a privatização da Vale do Rio Doce, não se entende sobre a indicação de dois ministros e ainda reivindica um terceiro ministério

Esquerda

Sem força no Congresso, ganha espaço nas ruas e na imprensa apoiando o Movimento dos Sem-Terra e rejeitando a venda da Vale, com um discurso que antecipa a campanha eleitoral do ano que vem

PSDB e PFL

Os dois partidos mais importantes da base governista não se entendem sobre estratégias de votação, seus líderes batem boca na Câmara e disputam cargos no Legislativo e no Executivo

MST

O movimento humilhou o governo com o sucesso de sua marcha sobre Brasília, que teve repercussão internacional, e mesmo assim mantém a política de invasões e enfrentamento

Itamaraty

FH está decepcionado com o chanceler Luís Felipe Lampreia (que ficou muito exposto nas investigações da CPI dos Títulos Públicos) e com a incompetência dos diplomatas, que permitiram que a visita do espanhol José Maria Aznar coincidissem com a marcha do MST

CNBB

Os bispos apóiam os sem-terra, criticam a privatização da Vale e divulgaram documento que acusa o governo de ter corrompido deputados para aprovar a reeleição

Judiciário

As liminares concedidas por juízes de primeira instância foram fatais para o leilão da Vale do Rio Doce. A liminar mais importante foi concedida pelo Tribunal Regional Federal de São Paulo a seis juristas, alguns deles amigos de FH

Ministério Público

FH mandou o porta-voz Sérgio Amaral responder ao manifesto assinado por 27 dos 45 subprocuradores da República que criticaram sua ingerência em outros Poderes, ameaçando-o até com a acusação de crime de responsabilidade

Sindicalistas

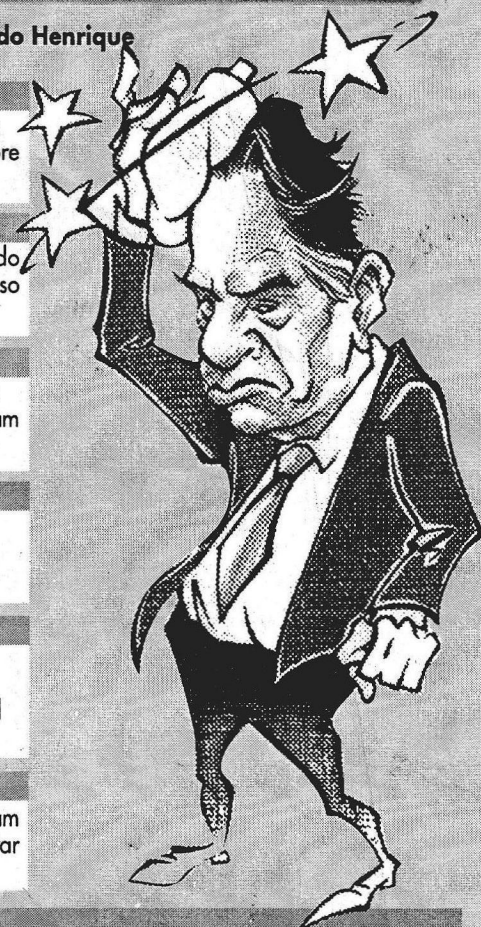
Continuam achando pequeno o salário mínimo de R\$ 120 e criticando as ações sociais do governo. Na visão do Planalto, são "ignorantes e corporativistas"

Economistas

Quando estão fora do governo, criticam o desempenho da balança comercial (11 meses de déficits sucessivos) e a política cambial. O ministro Pedro Malan diz que os brasileiros precisam se "acostumar" a isso

Fisiológicos

Costumam votar com o governo, mas cobram faturas impagáveis, como o teto extra dos deputados que recebem aposentadoria. Levaram o governo a um acordo intragável para a opinião pública e depois a um recuo desgastante



- Massacre dos sem-terra em El-ado dos Carajás, no Pará;
- Suspensão, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), das votações reforma da Previdência;
- Veto presidencial à anistia, vota no Congresso, dos sindicatos de roleiros condenados a pagar R\$ milhões pela greve de 1995;
- Rompimento do ex-prefeito do Maluf com a reeleição;
- Críticas do então presidente do STF, Sepúlveda Pertence.

tudo isso o presidente reagiu tranquilidade, embora o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, a dito, na ocasião, que o amigo Fernando Henrique tem "aquilo pre- O máximo de exaltação do presidente foi num palanque em Porto (BA), onde comemorava o aniversário da chegada dos portugueses ao Brasil, cercado por manifestantes do Movimento dos Sem-

Terra (MST) e índios. "Coitados", disse FH. "São um punhadinho de descontentes." Para enfrentar os problemas domésticos, nomeou ministro de Assuntos Políticos o deputado Luiz Carlos Santos (PMDB-SP).

Mês cruel — Um ano depois, a lista de problemas é quase igual, mas o presidente parece outro, tanto que dispensou a voz de Serjão para devolver os ataques. "Abril é o mais cruel dos meses", disse o deputado Roberto Brant (PSDB-RJ), citando T.S. Elliot. Nem tanto. Em abril de 1996, apesar de tudo, a balança comercial foi positiva para o Brasil, em US\$ 178 milhões. Em abril de 1997, houve um déficit de US\$ 951 milhões.

As más notícias na área econômica podem ter afetado o ânimo do presidente, que se aferrou ao leilão da Vale como um ponto de honra de seu governo no exterior. Depois de três anos de elogios, ele teve de ler, na quarta-feira, um editorial do jornal inglês *Financial Times* criticando o seu governo. Não pelo adiamento do leilão, mas por não ter avançado no equilíbrio das contas públicas.

Para terminar a semana com notícia ruim, o governo apertou o crédito da classe média.

Para a oposição, Fernando Henrique apenas deixou transbordar o "espírito autoritário" de seu governo. "Ele perdeu a elegância e partiu para a tática de desqualificar o adversário", disse José Genoíno (PT-SP). O presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), sempre comedido, também repeliu o novo estilo do presidente e recusou-se a responder às críticas: "Não vou ficar feito lavadeira em beira de rio." Até os amigos reclamaram. "Ele trata de maneira debochada os que são contra as atitudes do governo", disse o jurista Dalmo Dallari.

Em defesa do presidente, o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, do PFL de Ruth Cardoso, atribui a alta temperatura a uma precipitação do debate eleitoral de 1998. "Um presidente candidato fica sempre mais exposto", resume Krause. "Todos os seus atos serão recebidos, pelos adversários, como gestos de palanque." Krause não completa o raciocínio, mas a conclusão é óbvia: Fernando Henrique também estaria reagindo como candidato, condição que assumiu no dia em que a Câmara aprovou, em primeiro turno, a emenda da reeleição. Era fevereiro, mês do carnaval.

AVALIAÇÃO DE UM AMIGO: "ELE ESTÁ ESTRESSADO"